

INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA

Escola Superior de Altos Estudos

VALIDAÇÃO DA FACES IV

O Funcionamento da Família em Diferentes Etapas do Ciclo Vital

MARIA INÊS MESQUITA COSTA E SILVA

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Coimbra, 2015



Validação da FACES IV
O Funcionamento da Família em Diferentes Etapas do Ciclo Vital

MARIA INÊS MESQUITA COSTA E SILVA

Dissertação Apresentada ao ISMT para a Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica

Ramo de Especialização Terapias Familiares e Sistémicas

Orientadora: Professora Doutora Joana Sequeira

Coimbra, Outubro de 2015

Agradecimentos

Para a realização desta dissertação contei com a ajuda de diversas pessoas a quem dirijo os meus agradecimentos.

À professora Doutora Joana Sequeira por todas as suas orientações revestidas sempre de um genuíno interesse e preocupação. Pela sua disponibilidade e por todo o tempo que me reservou.

À professora Doutora Helena Espírito-Santo, ao professor Doutor Henrique Vicente e à professora Doutora Sónia Guadalupe por toda a ajuda que disponibilizaram com o tratamento de dados estatísticos.

Às minhas colegas Cátia Cerveira e Sónia Neves, pela partilha, ajuda e amizade.

Resumo

Objetivos: 1) traduzir e validar a Escala de Avaliação da Flexibilidade e Coesão Familiar – Versão IV (FACES IV) para a população portuguesa; 2) analisar as diferenças na percepção dos sujeitos acerca do funcionamento da sua família, em cada uma das etapas do ciclo vital.

Participantes: Trezentas e oitenta e sete (387) famílias, num total de 1089 sujeitos com idades superiores a 12 anos, recrutados por conveniência a partir do método de bola de neve.

Instrumentos: Escala de Avaliação da Flexibilidade e Coesão Familiar – Versão IV (FACES IV), Escala Familiar de Autorresposta – Versão II (SFI), Escala de APGAR Familiar e a Escala de Ajustamento Diádico (RDAS).

Resultados: A tradução da FACES IV apresentou uma boa capacidade de corretamente avaliar as famílias funcionais e uma mediana capacidade de avaliar as famílias disfuncionais, face à necessidade de uma mais completa e posterior adequação das subescalas Emaranhada e Rígida para a cultura portuguesa. Foram encontradas diferenças significativas no funcionamento das famílias em diferentes etapas do ciclo vital, nomeadamente nas dimensões da coesão familiar, liderança, saúde/competência, comunicação e expressividade emocional. A coesão nas famílias diminuía ao longo do ciclo vital, apresentando valores mais altos na etapa de família com filhos na escola e mais baixos na etapa de família com filhos adolescentes e família com filhos adultos. A liderança na etapa de formação do casal era significativamente mais baixa do que nas etapas de família com filhos na escola e família com filhos adolescentes. As famílias demonstraram possuir uma maior capacidade de competência e saúde na etapa de família com filhos na escola do que na etapa de formação do casal. A comunicação e expressividade emocional na família diminuía ao longo do ciclo vital, com valores significativamente mais altos para a etapa de família com filhos na escola e mais baixos nas etapas de família com filhos adolescentes e família com filhos adultos.

Palavras-chave: Validação FACES IV, Funcionamento Familiar, Ciclo Vital da Família

Abstract

Objectives: 1) translate and validate the Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale – version IV (FACES IV) for the Portuguese population. 2) analyse differences in individual's perception of family functioning, in different stages of the family life cycle.

Participants: Three hundred and eighty seven (387) families, in a total of 1089 individuals with ages higher than 12, recruited by convenience using the snowball method.

Instruments: the Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale – version IV (FACES IV), Self-Report Family Inventory – Version II (SFI-II), Family APGAR and the Revised Dyadic Adjustment Scale (RDAS).

Results: The FACES IV translation proved to be very capable of assessing functional families and somewhat capable of assessing dysfunctional families, giving the need of a further and more complete adaptation of the Enmeshed and Rigid subscales to Portuguese culture. Significant differences in family functioning, within different stages of the family life cycle, were found, namely in family cohesion, leadership, health/competence, communication and emotional expressiveness. Cohesion in families decreased along the family life cycle, showing higher values in the family with children in school stage and lower values in the family with adolescent children and family with adult children stages. Leadership proved to be significantly lower in the couple formation stage than the family with children and school and family with adolescent children stages. Families showed a higher competence and health when in the stage of family with children in school compared to the couple formation stage. Quality of communication and emotional expressiveness decreased along the family life cycle, with values significantly higher for families with children in school and lower for families with adolescent children and adult children.

Keywords: FACES IV Validation, Family Functioning, Family Life Cycle.

1. Introdução

A presente dissertação apresenta o trabalho de tradução e validação da FACES IV para a população portuguesa e estuda a percepção do funcionamento familiar em famílias que se encontram em distintas etapas do ciclo vital.

1.1. O Modelo Circumplexo

O Modelo Circumplexo (Anexo 1), inicialmente desenvolvido por Olson, Russel e Sprenkle (1979, 1980, 1982, 1983, 1989) integra, atualmente, três dimensões do funcionamento da família: a coesão, a flexibilidade e a comunicação. O modelo tem como finalidade compreender o funcionamento da família, a partir da avaliação destas dimensões, e constitui-se como base na criação da FACES IV (Escala de Avaliação da Flexibilidade e Coesão Familiar IV).

Olson e Gorall (2006) definem a coesão na família como a ligação emocional que une os seus elementos. Inclui as ligações emocionais, os limites, as coligações, o tempo, o espaço, os amigos, a tomada de decisões, os interesses e o tempo livre. (Olson, Bell & Porter, 1992). A flexibilidade é descrita por Olson e Gorall (2006) como a expressão e qualidade da liderança e organização familiar, os papéis, negociações e regras relacionais. A comunicação é definida como uma competência familiar facilitadora das restantes dimensões. Envolve a capacidade de escuta (atenta e empática), de diálogo (falar por si próprio e não pelos outros), a autorrevelação (partilhar sentimentos sobre si mesmo e sobre a relação), clareza, respeito e consideração (os aspetos afetivos da comunicação).

Este modelo parte da hipótese que um bom equilíbrio entre a coesão e flexibilidade se traduz numa família mais funcional e que níveis desequilibrados entre estas duas dimensões estão associados a problemas no funcionamento familiar. A terceira dimensão, a comunicação, facilita a gestão da coesão e flexibilidade da família. (Olsen & Gorall, 2006). No que diz respeito à coesão, existem cinco níveis que variam desde desmembrada (extremamente baixo), de algum modo conectada (baixo a moderado), conectada (moderado), muito conectada (moderado a alto) e emaranhada (extremamente elevado). Os três níveis centrais supõem equilíbrio e os dois níveis extremos desequilíbrio. Os níveis centrais são característicos de famílias saudáveis e os dois níveis de coesão extremos são considerados problemáticos para o funcionamento familiar (Olson & Gorall, 2003). Uma família desmembrada (nível de coesão extremamente baixo) é pautada por uma separação emocional extrema entre os elementos, as suas fronteiras são rígidas no seu interior e difusas com o

exterior, os intercâmbios comunicacionais entre os elementos tornam-se difíceis e as funções de proteção da família estão diminuídas. Os seus elementos funcionam de forma individualista num registo de *cut-off* emocional, resultando numa expulsão precoce dos elementos mais novos do agregado para a vida social, antes de serem adequadamente preparados pela família. Os papéis parentais são instáveis e o possível sofrimento dos elementos dificilmente ultrapassa as fronteiras demasiado rígidas que separam os elementos do agregado. Desta forma, evidenciam-se, muitas vezes, comportamentos antissociais e agressividade por parte dos filhos jovens do agregado que surgem a partir das rejeições do subsistema parental e da entrada demasiado precoce na vida social (Alarcão, 2000). As famílias de algum modo conectadas (nível de coesão baixo a moderado) apresentam alguma separação emocional e os seus elementos passam a maior parte do tempo afastados. Uma família conectada (nível de coesão moderado) apresenta equilíbrio entre a aproximação e separação. Os seus elementos são capazes de ser simultaneamente independentes e unidos à sua família. As famílias muito conectadas (nível de coesão moderado a alto) mostram uma grande aproximação emocional, partilham grande parte dos interesses, amigos e tempo livre. As famílias emaranhadas (nível de coesão extremamente elevado) caracterizam-se por um enorme consenso e proximidade emocional intrasistémica e pouquíssima ou nenhuma independência dos elementos face à família (Olson & Gorall, 2003). São famílias que se fecham sobre si mesmas, apresentando fronteiras difusas no seu interior e fronteiras rígidas com o exterior. Caracterizam-se por grandes preocupações entre os elementos, redução das distâncias interpessoais e mistura entre subsistemas e indivíduos. Os papéis familiares são rígidos, ameaçando a capacidades de adaptação do sistema. As relações podem tornar-se *stressantes* face às solicitações de autonomia dos elementos, que são vistas como deslealdades para com a família. Uma vez que apresentam um nível de coesão extremamente alto, o sofrimento de um dos elementos tem uma forte repercussão nos restantes. Nestas famílias são frequentes sintomas de natureza psicossomática (Alarcão, 2000). Quanto à dimensão flexibilidade, o modelo apresenta os níveis rígida (extremamente baixo), de algum modo flexível (baixo a moderado), flexível (moderado), muito flexível (moderado a alto) e caótica (extremamente alto). Existem assim, nesta dimensão, três níveis de equilíbrio (os centrais) e dois níveis de desequilíbrio (os dois extremos). Numa família rígida (nível de flexibilidade extremamente baixo) um dos elementos controla a dinâmica familiar, impondo uma forte rigidez de papéis e inflexibilidade de regras. Uma família de algum modo flexível (nível de flexibilidade baixo a moderado) tem, normalmente, algumas características democráticas de liderança, os papéis dos elementos são estáveis mas podem, por vezes, ser

partilhados e as regras raramente mudam. Uma família flexível (nível de flexibilidade moderado) apresenta uma liderança igualitária e democrática no que toca à tomada de decisões. As famílias muito flexíveis (nível de flexibilidade moderado a alto) promovem mudanças constantes da liderança e dos papéis, bem como das regras, que são adaptadas face à situação. Numa família caótica (nível de flexibilidade extremamente alto), a liderança é fraca ou mesmo inexistente. As decisões são tomadas por impulso e raramente são eficazes. Os papéis não são claros e mudam de elemento para elemento (Olson & Gorall, 2003).

1.2. Evolução da FACES (Escala de Avaliação da Flexibilidade e Coesão Familiar)

A primeira FACES foi desenvolvida por Olson, Bell e Portner (1978) e consistia num instrumento de autorresposta com 111 itens (Kouneski, 2000). Esta escala tinha como objetivo avaliar o funcionamento da família de acordo com as duas principais dimensões do Modelo Circumplexo (Coesão e Flexibilidade). Esta primeira escala foi modificada no sentido de melhorar as suas qualidades psicométricas, resultando na construção da FACES II (Olson, Bell & Portner, 1982). Este novo instrumento deveria incluir frases simples para que pudesse ser administrado a crianças e indivíduos com capacidade de leitura reduzida. A FACES II pode ser aplicada a maiores de 12 anos. O instrumento inclui 30 itens, cotados de 1 (quase nunca) a 5 (quase sempre), dos quais 16 se enquadram na subescala Coesão e 14 na Flexibilidade. Quanto à fidedignidade, a escala apresenta uma boa consistência interna, com alfas de Cronbach a variarem entre 0,86 e 0,88 para a dimensão Coesão e entre 0,78 e 0,79 para a dimensão Flexibilidade. Quanto à validade, apresenta uma boa correlação entre os dois constructos (Coesão e Flexibilidade) ($r=0,65$), e uma boa validade concorrente (Olson, Bell & Portner, 1992).

Mais tarde foi desenvolvida a FACES III (Olson, Portner & Lavee, 1985), um instrumento com 20 itens, cotados de 1 (quase nunca) a 5 (quase sempre), dos quais 10 pertencem à subescala Coesão e 10 à Flexibilidade. Este instrumento pode ser preenchido por crianças maiores do que 9 anos. O objetivo da FACES III seria que os participantes o preenchessem 2 vezes, indicando, num primeiro momento, a perceção real do seu funcionamento familiar e, num segundo momento, uma idealização do mesmo. No entanto, o segundo momento seria opcional. Se completos os dois momentos, a escala comportaria, assim, 4 dimensões: Coesão e Flexibilidade Percecionadas e Coesão e Flexibilidade Ideais. No que diz respeito à fidedignidade, a FACES III apresenta uma considerável consistência interna: $\alpha= 0,77$ para a Coesão e $\alpha= 0,62$ para a Flexibilidade (Olson, Bell & Portner, 1992). Quanto à validade, a correlação entre os dois construtos é muito baixa ($\alpha=0,03$) (Olson, Bell

& Portner, 1992), no entanto as correlações item-total são altas, com alfas a variarem entre 0,51 a 0,74 para a Coesão e entre 0,42 e 0,56 para a Flexibilidade (Grotevant & Carlson, 1989). Apresenta também uma boa validade concorrente (Olson, Bell & Portner, 1992).

Embora a FACES III seja uma versão mais recente, a FACES II apresenta vantagens na sua utilização, já que oferece uma maior fidedignidade, a correlação entre os constructos é mais alta e a validade concorrente também (Olson, Bell & Portner, 1992). No entanto, existe um problema com as versões anteriores da FACES, que conduziu à criação da FACES IV. Os autores consideraram que as FACES anteriores apresentavam uma relação linear entre as escalas e o funcionamento familiar, quando o Modelo Circumplexo prevê uma relação curvilínea. Isto significa que as escalas não permitiam classificar ajustadamente as famílias disfuncionais, resultante da sua incapacidade de avaliação das áreas extremas da coesão familiar (desmembradas e emaranhadas) e flexibilidade (rígidas e caóticas). As FACES anteriores categorizavam as famílias apenas como funcionais, disfuncionais ou moderadas, a partir de pontuações mais altas ou mais baixas nas duas subescalas existentes (Coesão e Flexibilidade), sem mais detalhadas especificações. Assim, a FACES IV apresentava um grande objetivo para a sua criação: diferenciar os quatro extremos da coesão e flexibilidade descritos acima. Surge assim com seis subescalas: as duas escalas equilibradas (Coesão e Flexibilidade) já existentes nas versões anteriores da FACES e quatro novas subescalas desequilibradas (Desmembrada, Caótica, Emaranhada e Rígida). A FACES IV rerepresentaria, assim, uma hipótese de relação curvilínea prevista pelo Modelo Circumplexo (Olson, 2011). Foram incluídos também na FACES IV 10 itens que permitem avaliar a satisfação familiar e 10 itens que avaliam a comunicação familiar.

1.3.Ciclo Vital da Família

A família, como sistema, sofre um processo de desenvolvimento. Esta evolução comporta não só as mudanças do todo familiar, mas também as de cada indivíduo em particular. Neste processo consegue-se definir uma sequência previsível de transformações organizacionais a que se dá o nome de ciclo vital da família. Este processo de mudança decorre no sentido da sua evolução, em função do cumprimento de tarefas bem definidas que caracterizam as suas etapas (Relvas, 1996).

A definição das diferentes etapas do ciclo vital varia consoantes os autores, no entanto, os critérios de diferenciação são consensuais e derivam do aparecimento de novos elementos ou subsistemas na família, das mudanças funcionais e estruturais consequentes a novas tarefas de desenvolvimento e da saída de elementos do sistema (Alarcão, 2000). Relvas (1996),

fundamentando-se nos estudos de Minuchin e Fishman, define 5 etapas no ciclo vital da família: formação do casal, família com filhos pequenos, família com filhos na escola, família com filhos adolescentes e família com filhos adultos.

A formação do casal corresponde ao nascimento da família nuclear, composta pelo novo subsistema conjugal. A formação de um novo subsistema implica a realização de algumas tarefas básicas por parte dos indivíduos, que devem também assumir novas funções. O subsistema deve clarificar e impor as suas fronteiras exteriores com outros subsistemas, definir um modelo conjugal articulando os modelos individuais e desenvolver uma comunicação funcional (Alarcão, 2000). É um subsistema dotado de normas e limites particulares, bem como de padrões transacionais muito próprios (Relvas, 1996).

A etapa de família com filhos pequenos é marcada pelo nascimento do primeiro filho e, assim, pelo aparecimento de dois novos subsistemas parental e filial. A família é alvo de reestruturações a partir das quais os seus elementos assumem novas tarefas e funções específicas. Existe uma redefinição, principalmente, dos papéis e dos limites (Relvas, 1996). Interiormente a família deve ser capaz de diferenciar o subsistema conjugal do subsistema parental e exteriormente deve existir abertura à comunidade e famílias de origem. Os pais devem assumir uma posição de liderança e de poder, ensinando aos filhos as relações verticais. (Alarcão, 2000).

A etapa de família com filhos na escola é pautada pelo encontro entre dois sistemas num projeto de complementaridade: família e escola (Relvas, 1996). Desta forma, põe-se como o primeiro desafio ao cumprimento da função externa da família. Esta deve adaptar-se de forma a facilitar a autonomia por parte da criança, abrindo-se ao exterior (Alarcão, 2000).

A etapa família com filhos adolescentes é caracterizada por um novo equilíbrio entre o indivíduo, a família e o contexto social. Nesta etapa deve observar-se o alargamento dos espaços individuais na família face à necessidade de autonomia por parte do(a) filho(a) adolescente. Este(a) vive uma necessidade de equilíbrio entre dependência e independência, com que a família deve saber lidar (Relvas, 1996). Ambos os subsistemas parental e filial devem ser detentores do poder, numa articulação de complementaridade (Alarcão, 2000).

A última etapa, família com filhos adultos, é pautada por ser um período de grande movimentação familiar, assinalado por entradas e saídas múltiplas no sistema: saídas dos filhos e filhas do sistema e a entrada de parentes por afinidade, como genros, noras e netos (Relvas, 1996). Deve existir, assim, uma nova reorganização do casal, que deve encontrar novas formas de complementaridade, de expressão de solidariedade e intimidade (Alarcão, 2000).

Em cada etapa existe uma necessidade de reorganização da família, associada ao impacto que uma crise tem no sistema. Olson (2006), a partir do Modelo Circumplexo, afirma que as famílias mais equilibradas estão mais aptas a perpetuarem as mudanças inerentes a cada etapa do ciclo vital, já que dispõem dos devidos recursos para lidarem com as crises. Por outro lado, as famílias mais desequilibradas, têm dificuldade em se adaptar a uma crise pela falta de recursos que apresentam. Olson (2006) aponta também para a presença de uma mudança nos níveis de coesão e flexibilidade familiares, ao longo das etapas do ciclo vital, como resposta a essa necessidade de reorganização do sistema. Minuchin (1979 *cit in* Alarcão, 2000) afirma que as famílias passam por períodos de maior emaranhamento ou desmembramento mediante a sua forma de adaptação às etapas do ciclo vital. As famílias não apresentam, assim, um contínuo no seu funcionamento ao longo do ciclo vital.

A partir desta premissa, Machado (2008) realizou um estudo com o objetivo de compreender as diferenças da coesão e flexibilidade para cada etapa do ciclo vital. No estudo participaram 368 sujeitos, residentes em Portugal, com filhos até aos 18 anos. A maioria dos sujeitos pertencia ao estatuto socioeconómico médio-alto e tinha como habilitações literárias o ensino superior. Os sujeitos deveriam preencher a FACES II, bem como ao Inventário da Aliança Parental (Abidin & Brunner, 1995). Foi possível verificar que os sujeitos na etapa família com filhos adultos apresentaram a média de pontuação na subescala Coesão mais baixa da amostra ($M=50,75$), enquanto que os participantes pertencentes à etapa família com filhos pequenos apresentaram a média mais alta ($M=53,06$). Quanto à subescala da Flexibilidade, os sujeitos com a pontuação média mais alta pertenciam à etapa família com filhos adolescentes ($m=50,53$), e mais baixa à etapa família com filhos na escola ($m=49,92$). Agostinho (2009) levou a cabo um estudo muito semelhante com o objetivo de compreender as diferenças na coesão e flexibilidade das famílias na etapa de família com filhos na escola e família com filhos adultos. No estudo participaram 136 sujeitos, residentes em Portugal, com idades compreendidas entre os 31 e os 74 anos. Era pedido aos sujeitos para preencherem a FACES II, o Questionário da Coparentalidade (Margolin, 2001) e a Escala de Resiliência de Connor- Davinson (Connor, 2006). As famílias com filhos na escola apresentaram pontuações maiores na subescala da Coesão ($M=73,54$) do que as famílias com filhos adultos ($M=62,54$). Quanto à subescala da Flexibilidade, as famílias com filhos adultos apresentaram valores ligeiramente mais altos ($M=69,48$) do que as famílias com filhos na escola ($M=66,54$). Portugal e Alberto (2010) apontam também, a partir de uma revisão de leitura, para uma mudança na qualidade de comunicação das famílias ao longo do ciclo vital, centrando-se nas etapas de família com filhos na escola e família com filhos adolescentes.

2. Metodologia

2.1. Objetivos

Este trabalho tem como objetivo geral a tradução e validação da FACES IV para a população portuguesa. De seguida, este instrumento será utilizado para avaliar as diferenças na dinâmica das famílias de acordo com a etapa do ciclo vital em que se inserem.

2.2. Participantes

Os participantes foram recrutados por conveniência a partir do método de bola de neve. Foi solicitado aos alunos de 3 turmas, a frequentar a Licenciatura e o Mestrado em Psicologia Clínica no Instituto Superior Miguel Torga, para administrarem o protocolo a 5 famílias diferentes.

Participaram um total de 1089 sujeitos (387 famílias). O Apêndice A representa a caracterização demográfica completa da amostra e a Tabela 1 a descrição reduzida.

Dos participantes deste estudo a maioria são do sexo feminino (53,8%) e apresentam uma média de idades de 36,25 anos, pertencendo a maioria ao intervalo dos 45-55 anos. Os participantes residem maioritariamente em Coimbra (24,2%). A maioria dos sujeitos concluiu o secundário (36%) ou completou uma licenciatura (20,7%). Os sujeitos são, na sua maioria, estudantes (29,9%) e as profissões mais comumente desempenhadas pertencem à categoria 2 (Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas) da Classificação Nacional das Profissões (CNP) (14,9%). As famílias apresentam um rendimento mensal médio de 1615,6€, pertencendo mais sujeitos ao intervalo dos 1000€-1500€ (28,5%). As famílias são compostas principalmente por filhos (36%), mães (29,7%) e pais (23,8%) (n=259), mas 9,2% constituem casais sem filhos. A maioria dos participantes do estudo encontra-se na etapa do ciclo vital de família com filhos adultos (58,7%), seguida de família com filhos adolescentes (15,8%), família com filhos na escola (11,1%), formação do casal (7,8%) e família com filhos pequenos (6,7%). Quanto à tipologia da família, 62,5% das famílias participantes são famílias nucleares intactas e 20,2% são famílias monoparentais.

2.3. Procedimentos

Num primeiro momento foi solicitado aos autores da FACES IV a autorização para a tradução e validação da escala para a população portuguesa. Após obtida a autorização foi iniciado o processo de tradução.

Tabela 1. *Caracterização sociodemográfica dos participantes*

	N	%	Média/Moda	DP	Mínimo	Máximo
Sexo						
Feminino	586	53,8	Feminino			
Masculino	503	46,2		-	-	-
Estado Civil						
Solteiro	411	37,7	Casado			
Casado	538	49,4		-	-	-
Residência						
Cidade	492	45,2	Vila ou Aldeia			
Vila ou Aldeia	597	54,9		-	-	-
Concelho						
Coimbra	264	24,2				
Leiria	103	9,5	Coimbra	-	-	-
Miranda do Corvo	59	5,4				
Habilitações Literárias						
3º Ciclo	223	20,5				
Secundário	391	36	Secundário	-	-	-
Licenciatura	225	20,7				
Profissão						
Categoria 2	162	14,9				
Categoria 7	94	8,7	Estudante	-	-	-
Estudante	324	29,9				
Rendimento Mensal						
250€ – 750€	105	14	1615,6	960,6	250€	10000€
750€ - 10000€	646	86				
Parentesco						
Mãe	323	29,7				
Pai	259	23,8	Mãe	-	-	-
Filho(a)	392	36				
Marido	50	4,6				
Mulher	50	4,6				
Etapa Ciclo Vital						
Formação do Casal	30	7,8				
Família com Filhos Pequenos	26	6,7	Família com Filhos	-	-	-
Família com Filhos na Escola	43	11,1	Adultos			
Família com Filhos Adolescentes	61	15,8				
Família com Filhos Adultos	227	58,7				
Tipologia da Família						
Casal sem Filhos	37	9,6	Família Nuclear			
Família Nuclear Intacta	242	62,5	Intacta	-	-	-
Família Monoparental	78	20,2				

N = número de participantes; DP = desvio padrão; Categoria 2 = Especialistas das profissões intelectuais e científicas; Categoria 7 = Operários, artífices e trabalhadores similares

Para que a escala mantivesse igual validade de conteúdo, foram adotados os passos descritos por Beaton, Bombardier, Guillemin e Ferraz (2000). Participaram no processo de tradução um total de 9 pessoas.

O instrumento foi traduzido por um grupo de 6 indivíduos com conhecimentos na área de Psicologia, do qual resultou uma tradução unânime (T1). Foi também realizada uma tradução por um indivíduo sem conhecimentos na área, da qual resultou uma tradução *naive* (T2). O segundo passo consistiu na comparação entre estas duas traduções, determinando uma terceira tradução consensual (T-12). No terceiro passo, foram feitas retroversões da tradução pelos elementos envolvidos no processo da tradução T1 e por dois elementos sem conhecimento dos conteúdos a explorar e cuja língua materna era o inglês. As retroversões foram comparadas e deram origem aos acordos descritos no Apêndice B.

As retroversões para as questões 4, 5, 6, 7, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 25, 26, 28, 30, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59 e 60 foram unânimes. As questões que apresentaram maior controvérsia (com apenas 2 acordos) foram a 1, 2, 15 e 62. Após a discussão dos acordos, foram conduzidas as reformulações que deram origem à tradução final.

2.4. Instrumentos

Foram elaborados 2 protocolos, um para pais e outro para filhos. O protocolo dos pais é constituído por um consentimento informado, um questionário sociodemográfico, a Escala de Avaliação da Flexibilidade e Coesão Familiar (FACES IV) e os questionários de validação concorrente da FACES IV: a Escala Familiar de Autorresposta – SFI II (Beavers, Hamson & Hulgus, 1990), a escala de APGAR Familiar (Smilkstein, 1978) e a Escala de Ajustamento Diádico – RDAS (Busby, Christensen, Crane & Larson, 1995). No protocolo dos filhos não está presente a Escala de Ajustamento Diádico (RDAS).

Questionário Sociodemográfico

É constituído por um conjunto de perguntas relativas à família: os elementos que a compõem e os seus parentescos, o seu local de residência, bem como o concelho onde habitam, rendimento mensal, raça/etnia e se existem filhos menores do que 12 anos no agregado. De cada indivíduo, em particular, conhecemos o seu sexo, a idade, o estado civil, as habilitações literárias e a profissão.

Escala de Avaliação da Flexibilidade e Coesão Familiar (FACES IV)

A FACES IV é uma escala de autorresposta que se destina a conhecer o funcionamento da família. Deve ser, portanto, preenchida por todos os elementos da família

com idades superiores a 12 anos. A escala é composta por 62 itens: 14 das subescalas equilibradas (7 para a Coesão Equilibrada e 7 para a Flexibilidade Equilibrada), 28 das subescalas desequilibradas (7 itens para cada uma das subescalas Emaranhada, Desmembrada, Rígida e Caótica), 10 da subescala da Comunicação e 10 itens da subescala da Satisfação. Os itens estão distribuídos da seguinte forma: 1, 7, 13, 19, 25, 31 e 37 para a subescala da Coesão Equilibrada; 2, 8, 14, 20, 26, 32 e 38 para a subescala da Flexibilidade Equilibrada; 3, 9, 15, 21, 27, 33 e 39 na subescala Desmembrada; 4, 10, 16, 22, 28, 34 e 40 na subescala Emaranhada; 5, 11, 17, 23, 29, 35 e 41 na subescala Rígida; 6, 12, 18, 24, 30, 36 e 42 para a subescala Caótica; do 43 ao 52 para a subescala da Comunicação; e do 53 ao 62 na subescala da Satisfação.

A FACES IV inclui uma grelha de cotação que está apresentada na Figura 1. Para cotar a escala devem-se somar os valores da resposta a cada item, tendo em conta a distribuição dos mesmos, descrita na alínea acima. Os resultados baixos nas subescalas de equilíbrio são indicadores de um funcionamento familiar problemático, enquanto que as pontuações elevadas são reveladoras de um funcionamento familiar saudável. No que diz respeito às subescalas de desequilíbrio, os resultados baixos indicam um funcionamento familiar saudável e as pontuações baixas um funcionamento familiar disfuncional (Olson, 2010).

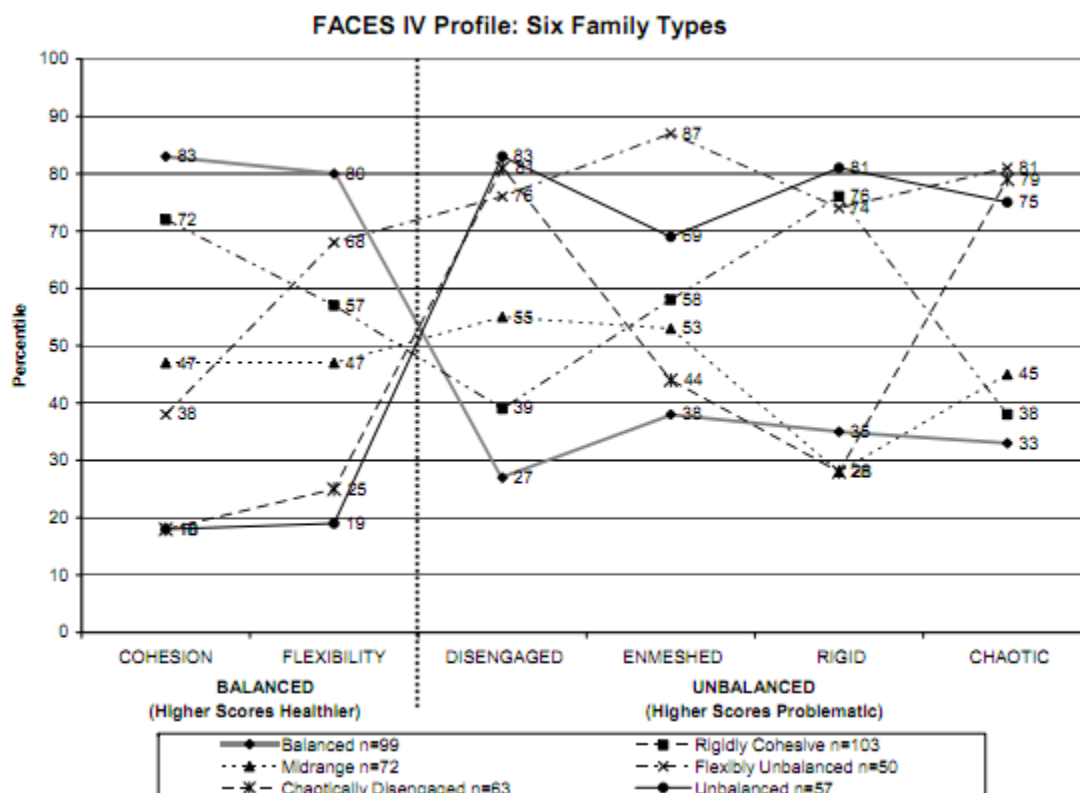
Figura 1. Grelha de cotação da FACES IV.

Grelha de Cotação da FACES IV							
Coesão e Flexibilidade	1.	2.	3.	4.	5.	6.	Colocar o valor de cada resposta no número correspondente. Somar na vertical para obter o valor de A, B, C, D, E, F (subescalas da FACES IV). Somar todos os valores das escalas comunicação e satisfação. Somatório de valores da P1. a P.52: 1. Discordo fortemente; 2. Discordo; 3. Não concordo nem discordo; 4. Concordo; 5. Concordo fortemente Somatório de valores da P. 53 a P. 62: 1. Muito descontente; 2. Um tanto descontente; 3. Geralmente satisfeito; 4. Muito satisfeito; 5. Extremamente satisfeito
	7.	8.	9.	10.	11.	12.	
	13.	14.	15.	16.	17.	18.	
	19.	20.	21.	22.	23.	24.	
	25.	26.	27.	28.	29.	30.	
	31.	32.	33.	34.	35.	36.	
	37.	38.	39.	40.	41.	42.	
Total	A ____	B ____	C ____	D ____	E ____	F ____	
Comunicação	43.	44.	45.	46.	47.	48.	
	49.	50.	51.	52.			
Satisfação	53.	54.	55.	56.	57.	58.	
	59.	60.	61.	62.			

Após a cotação, os resultados brutos (A, B, C, D, E e F) devem ser transformados em percentis, preenchendo a folha perfil (Anexo 2). Este passo dá origem a um gráfico

semelhante ao apresentado na Figura 2. Esta folha permite não só um percepção geral do funcionamento da família, mas também conhecer o seu enquadramento nas 6 tipologias familiares encontradas por Olson, Gorall e Tiesel (2006): famílias equilibradas, rigidamente coesas, médias, flexivelmente desequilibradas, caoticamente desmembradas e desequilibradas.

Figura 2. Folha perfil da FACES IV preenchida.



Os 6 clusters ou tipologias são, segundo Olson & Gorall (2006):

- *Cluster 1, Equilibradas ou Balanced*: caracterizadas pelas pontuações mais altas nas subescalas de equilíbrio (da Coesão e Flexibilidade), e mais baixas nas subescalas de desequilíbrio. Esta combinação indica uma tipologia familiar com altos níveis de funcionalidade e baixos níveis de disfuncionalidade. Desta forma, este tipo de famílias irá, em princípio, lidar bem com o *stress* e a mudança, sendo improvável que necessite de terapia.
- *Cluster 2, Rigidamente Coesa ou Rigidly Cohesive*: caracterizadas por pontuações altas na subescala Rígida e da Coesão. Apresentam pontuações moderadas na subescala Emaranhada e baixas pontuações nas subescalas Desmembrada e Caótica. Esta tipologia familiar apresenta um grau elevado de aproximação emocional e rigidez. Sendo assim, irá, em princípio,

funcionar bem devido ao seu grau de proximidade mas pode ter dificuldades em promover mudanças face a alguma rigidez.

- *Cluster 3, Médias ou Midrange*: caracterizadas por pontuações moderadas em todas as subescalas exceto na subescala Rígida, cujos valores podem-se apresentar como muito elevados ou muito baixos. Esta tipologia familiar irá, em princípio, funcionar adequadamente, já que não apresenta um nível elevado de fatores de risco resultantes de pontuações altas nas subescalas desequilibradas. No entanto também não apresenta grandes fatores de proteção resultantes de pontuações baixas nas subescalas equilibradas.

- *Cluster 4, Flexivelmente Desequilibradas ou Flexibly Unbalanced*: caracterizadas por pontuações altas em todas as subescalas exceto na Coesão, onde apresenta níveis moderados a baixos. No entanto, apresenta pontuações altas na Flexibilidade, o que poderá significar que estas famílias conseguem alterar as suas áreas problemáticas, quando necessário. Os autores definem as famílias enquadradas neste *cluster* como as mais difíceis de caraterizar.

- *Cluster 5, Caoticamente Desmembrada ou Chaotically Disengaged*: caracterizada por baixas pontuações nas subescalas Emaranhada e Rígida e pontuações altas nas subescalas Caótica e Desmembrada. Este tipo de família terá, supostamente, problemas graves, dada a falta de aproximação emocional entre os elementos. Será tão problemática como as famílias desequilibradas discutidas abaixo.

- *Cluster 6, Desequilibradas ou Unbalanced*: caracterizadas por altas pontuações nas 4 subescalas de equilíbrio e pontuações baixas das 2 escalas de equilíbrio, são o oposto das famílias equilibradas. Estas famílias apresentam muitos problemas no seu funcionamento geral e são as que mais necessitam de terapia.

Seguidamente, e numa tentativa de avaliar o grau de equilíbrio ou desequilíbrio de cada família no que diz respeito à coesão e flexibilidade, Olson & Gorall (2006), criaram ainda pontuações que permitem aceder ao rácio da coesão, da flexibilidade e rácio total. Quanto mais os valores se apresentarem acima de 1, mais funcional é o sistema familiar, e quanto mais os valores se apresentarem abaixo de 1, menos funcional é esse sistema. A fórmula que permitiu estas pontuações está descrita na parte inferior da Figura 3. O rácio da coesão é obtido a partir da divisão da pontuação na subescala da Coesão pela média das pontuações nas subescalas Emaranhada e Desmembrada. O rácio da flexibilidade obtém-se dividindo a pontuação na subescala da Flexibilidade pela média das pontuações nas subescalas Rígida e Caótica. O rácio total é calculado dividindo a média das subescalas de equilíbrio (Coesão e Flexibilidade) pela média das pontuações nas subescalas de desequilíbrio (Emaranhada, Desmembrada, Rígida e Caótica).

Figura 3. *Rácio de Coesão, Flexibilidade e Total (Olson Gorall, 2006)*

Tipologia Familiar	Rácio de Coesão (1)			Rácio de Flexibilidade (2)			Rácio Circumplexo Total (3)
	Coesão equilibrada	Desligado Emaranhado	Rácio de Coesão	Flexibilidade Equilibrada	Rígido Caótico	Rácio de Flexibilidade	
Equilibrado	83	27/38	2.6	80	35/33	2.4	2.5
Rigidamente equilibrado	72	39/58	1.5	57	76/38	1	1.3
Mediano	47	55/53	.87	47	28/45	.77	.82
Flexivelmente desequilibrado	38	76/44	.63	68	74/81	.87	.75
Caoticamente desligado	18	81/44	.29	25	28/79	.47	.38
Desequilibrado	18	83/69	.24	19	81/75	.24	.24

(1) Rácio de Coesão = Coesão equilibrada / (Desligado + Emaranhado / 2)

(2) Rácio de Flexibilidade = Flexibilidade equilibrada / (Rígido + Caótico / 2)

(3) Rácio Circumplexo Total = Rácio de Coesão + Rácio de Flexibilidade / 2 ou

(Coesão equilibrada + Flexibilidade equilibrada / 2) / (Desligado + Emaranhado + Rígido + Caótico / 4)

As descobertas comprovaram o que os autores esperavam. As famílias equilibradas obtiveram as pontuações mais altas (2,5), seguidas das famílias rigidamente coesas (1,3). As famílias desequilibradas e caoticamente desmembradas apresentaram as pontuações mais baixas (0,24 e 0,38). As famílias médias pontuaram perto do 1, colocando-se no meio, como o nome indica, dos 2 tipos extremos. As famílias flexivelmente desequilibradas tiveram também uma pontuação baixa (0,75) (Olson & Gorall, 2006). Estes resultados comprovaram a validade das pontuações obtidas pelos rácios. Este cálculo é também bastante útil em investigação pois permite determinar o grau no qual uma família é saudável ou problemática (Olson, 2011).

Olson (2011) avaliou as qualidades psicométricas da FACES IV a partir de um estudo no qual participaram 469 sujeitos. A amostra foi adquirida por conveniência, a partir do método de bola de neve. Os sujeitos apresentavam uma média de idades de 28 anos, num intervalo de 18 a 59 anos. Cerca de dois terços dos participantes eram mulheres e solteiras e um terço da amostra correspondia a sujeitos casados. Cerca de metade dos participantes tinham um salário anual de 50 000 dólares ou mais. A FACES IV incluía alguns itens da FACES I (37) e II (23). Os itens da FACES I foram escolhidos por apresentarem uma estrutura fatorial funcional (Thorslund, 1991 *cit in* Olson, 2011) e tinham como objetivo avaliar, especificamente, as regiões baixas, médias e altas das dimensões Coesão e Flexibilidade. Os itens da FACES II pretendiam avaliar a Coesão Equilibrada e a Flexibilidade Equilibrada. Foram escolhidos 24 itens da FACES IV correspondentes às

subescalas do desequilíbrio desenvolvidas por Tiesel (1994), 6 itens para cada uma das subescalas. No total a escala continha 84 itens.

Os autores conduziram uma análise fatorial exploratória, descobrindo 5 fatores que representavam as seguintes dimensões: Coesão Equilibrada/Desmembrada, Flexibilidade Equilibrada, Emaranhada, Rígida e Caótica. A Coesão Equilibrada, Flexibilidade Equilibrada, Emaranhada, Rígida e Caótica apresentavam 7 itens positivos em cada, enquanto que a Desmembrada apresentava 7 itens negativos. Esta análise demonstrou que existiam 2 escalas de equilíbrio e 4 de desequilíbrio. Sendo que apenas 42 itens se apresentavam acima dos 0,3, os outros 42 itens não foram utilizados para uma análise posterior. Quanto à análise confirmatória, os resultados foram satisfatórios: 0,75 para a Coesão Equilibrada, 0,57 para a Emaranhada, 0,7 para a Desmembrada, 0,65 para a Flexibilidade Equilibrada, 0,69 para a Caótica e 0,63 para a Rígida.

Seguidamente, foi realizada uma análise de correlação para avaliar a relação entre as 6 subescalas. A maioria dos resultados comprovou as suposições iniciais dos autores. As duas escalas de equilíbrio (Coesão e Flexibilidade Equilibrada) estavam fortemente correlacionadas ($r=0,6$), permitindo demonstrar a concordância de ambas no que diz respeito a avaliar as áreas em que a família é mais funcional. A subescala da Coesão Equilibrada apresentava uma correlação negativa forte com a subescala Desmembrada ($r=-0,8$) e uma correlação não significativa com a subescala Emaranhada ($r=0,15$). As subescalas de coesão desequilibrada não apresentavam uma correlação entre si. A Flexibilidade Equilibrada correlacionava-se forte e negativamente com a escala Caótica ($r= -0,53$), e nenhuma correlação significativa foi verificada com a subescala Rígida ($r= -0,05$). As duas subescalas da flexibilidade desequilibrada (Rígida e Caótica) não se correlacionavam significativamente entre si.

Quanto à fidedignidade da FACES IV, foi conduzida uma análise que determinou consistência interna das 6 subescalas, a partir do alfa de Cronbach. Os resultados foram os seguintes: 0,77 para a subescala Emaranhada, 0,87 para a subescala Desmembrada, 0,89 para a Coesão Equilibrada, 0,86 para a Caótica, 0,84 para a Flexibilidade Equilibrada e 0,82 para a subescala Rígida. Os valores dos alfas mostraram uma boa fidedignidade das subescalas.

Os autores conduziram uma análise concorrente com outras escalas de validação: A SFI (Self-report Family Inventory), a FAD (Family Assessment Device) e a FSS (Family Satisfaction Scale). No geral as correlações foram altas, à exceção das subescalas Emaranhada e Rígida. As dimensões equilibradas da FACES IV apresentaram correlações positivas altas com as dimensões equilibradas das outras escalas e as dimensões desequilibradas da FACES

IV apresentaram correlações negativas altas com as dimensões equilibradas das outras escalas. Conclui-se, assim, que todas as subescalas, à exceção da Emaranhada e Rígida, apresentaram uma validade concorrente alta.

Por fim, foi conduzida uma análise discriminante, com o objetivo de avaliar se a FACES IV permite distinguir com problemas e famílias sem problemas. Foram criados 4 grupos diferentes de famílias. Se determinada família se posicionava entre os resultados superiores a 50% na SFI e inferiores a 50% na FAD (indicativas de famílias mais funcionais), seria posicionada no grupo das famílias sem problemas. Se a família apresentasse resultados inferiores a 50% na SFI e superiores a 50% na FAD, era incluída no grupo das famílias com problemas. Foram também criados grupos para as famílias que se posicionavam nos resultados superiores a 40% na SFI inferiores a 40% na FAD, e vice-versa. A capacidade preditiva das 6 subescalas da FACES IV variou entre 55% e 94%, apresentando uma média de 78% e comprovando, assim, a validade discriminante da FACES IV (Olson, 2011).

Escala Familiar de Autorresposta (SFI II)

Desenvolvida por Beavers, Hampson e Hulgus (1990), é uma escala de 36 itens, cotados de 1 a 5, cujo objetivo geral é avaliar a percepção de cada elemento acerca do funcionamento da sua família (Beavers & Hampson, 1990). Esta escala baseia-se no Modelo de Funcionamento Familiar de Beavers (1985) e mede a percepção do indivíduo relativamente a 5 principais áreas do funcionamento familiar: Saúde/ Competência, Conflito, Coesão, Liderança e Expressividade. Quanto à cotação da SFI II, as respostas estão cotadas de 1 (encaixa-se muito bem na nossa família) a 5 (não se encaixa na nossa família) e devem ser somadas as respostas de cada item para cada uma das áreas. As pontuações variam entre 36 e 180 pontos. Os itens estão distribuídos seguinte maneira: Saúde/Competência 2, 3, 4, 6, 12, 15, 16, 17, 18 invertido, 19 invertido, 20, 21, 24 invertido, 25 invertido, 27invertido, 28, 33, 35 e 36; Conflito 5 invertido, 6, 7, 8 invertido, 10 invertido, 14 invertido, 18 invertido, 24 invertido, 25 invertido, 30 invertido, 31 invertido e 34; Coesão 2, 15, 19 invertido, 27 invertido e 36; Liderança 8 invertido, 16 e 32; e Expressividade 1, 9, 13 invertido, 20 e 22. Pode também ser calculado um valor total da escala, invertendo os itens que estão construídos pela positiva e somando as respostas a cada item. Quanto mais baixa for a cotação em cada uma das áreas e no valor total, melhor é funcionamento da família (Beavers & Hampson, 1990). Quanto à fidedignidade da escala original, Beavers, Hampson e Hulgus (1990) descrevem um alfa de Cronbach geral de 0,84 a 0,88, sendo que o domínio da Saúde/Competência apresenta um alfa de 0,84 a 0,87, o Conflito de 0,5 a 0,59, a Coesão de 0,5 a 0,7, a Liderança de 0,41 a 0,49 e a Expressividade de 0,79 a 0,89. Assumindo que o alfa

de Cronbach deve ser superior a 0,7 para a escala ou subescala se constituir como fidedigna (Nunnally, 1978 *cit in* Pallant, 2001), a SFI II apresenta bons resultados no valor total e nas áreas Saúde Competência e Expressividade, médios na área Coesão e fracos nas áreas Conflito e Liderança. Quanto à tradução para português (Apêndice C), foram descobertos alfas de Cronbach de 0,91 para a subescala da Saúde/Competência, 0,86 para a subescala do Conflito, 0,66 para a subescala da Coesão, 0,27 para a subescala da Liderança e 0,81 para a subescala da Expressividade Emocional. A escala como um todo obteve um alfa de Cronbach de 0,93. Os valores obtidos para a tradução foram semelhantes ou mais altos do que a escala original, à exceção da subescala da Liderança.

Escala de APGAR Familiar

Desenvolvida por Smilkstein (1979) tem por objetivo avaliar a satisfação de cada indivíduo com as suas relações familiares. A versão portuguesa foi validada por Agostinho e Rebelo (1988). A escala de autorresposta consiste em 5 questões que avaliam a Flexibilidade, a Parceria, o Crescimento, o Afeto e a Capacidade de Resolução. As respostas são cotadas de 1 (quase nunca) a 3 (quase sempre) e dizem respeito à satisfação do elemento com cada uma das áreas/questões. Os resultados são obtidos através do somatório das respostas de cada item, tendo em conta que uma cotação mais elevada indica uma maior satisfação com o funcionamento familiar. As pontuações podem variar entre 5 e 15 pontos. A escala original tem uma boa fidedignidade, apresentando um alfa de Cronbach a variar entre 0,8 e 0,85. A tradução portuguesa (Apêndice C) obteve um alfa de Cronbach de 0,77.

Escala de Ajustamento Diádico (RDAS)

Desenvolvida por Busby, Christensen, Crane e Larson (1995) é um questionário de autorresposta que pretende avaliar a qualidade do relacionamento do casal (Crane, Middleton & Bean, 2000). A versão portuguesa foi validada por Pereira, Canavarro e Davide (2009). Esta escala mede 7 dimensões da relação do casal, agrupadas em 3 categorias: Consenso (inclui as dimensões Tomada de Decisões, Valores e Afetos), Satisfação (inclui as dimensões Estabilidade e Conflito) e Coesão (inclui as dimensões Atividades e Discussão). A RDAS inclui assim 14 itens, nos quais a questão 1 à questão 6 são cotadas de 0 (sempre de acordo) a 5 (sempre de acordo), a questão 7 à questão 10 são cotadas de 0 (frequentemente) a 5 (nunca), a questão 11 é cotada de 0 (todos os dias) a 4 (nunca) e a questão 12 à questão 14 são cotadas de 0 (nunca) a 5 (frequentemente). Na categoria Consenso estão incluídas as perguntas 3 e 6 (dimensão Tomada de Decisões), 1 e 5 (dimensão Valores) e 2 e 4 (dimensão Afetos); na categoria Satisfação estão compreendidas as questões 7 e 9 (dimensão Estabilidade) e 8 e 10 (dimensão Conflito); e na categoria Coesão estão contidas as questões

11 e 13 (dimensão Atividades) e 12 e 14 (dimensão Discussão). Para conhecer a cotação geral da escala deve-se somar a resposta de cada item, assumindo que valores superiores a 48 indicam uma maior qualidade na relação, enquanto que valores menores que 48 apontam para relacionamentos geradores de stress. As pontuações na escala variam entre 0 e 69 pontos. Para calcular a cotação de cada categoria ou dimensão deve-se somar a resposta a cada item correspondente a essa dimensão ou categoria, assumindo que valores mais altos em cada subescala indicam níveis mais altos de satisfação e estabilidade (Busby, Christensen, Crane & Larson, 1995). Os autores da escala original reconhecem uma boa fidedignidade da escala, que apresenta um alfa de Cronbach de 0,9. A tradução portuguesa (Apêndice C) obteve um alfa de 0,79 para a subescala do Consenso, 0,84 para a subescala da Satisfação e de 0,62 para a subescala da Coesão.

3. Resultados

3.1. Validação da FACES IV

Em primeiro lugar, e segundo as indicações de Olson (2010), foi conduzida uma análise fatorial confirmatória utilizando o programa AMOS do SPSS (Apêndice D). Um modelo deve apresentar um valor RMSEA entre 0,05 e 0,08 para indicar um bom ajustamento (MacCallum *et al*, 1996; Steiger, 2007 *cit in* Hooper, Coughlan & Mullen, 2008). A FACES IV apresentou um RMSEA de 0,072, apontando para um ajustamento adequado.

A consistência interna da FACES IV, e de cada uma das suas subescalas, foi assegurada a partir de uma análise dos alfas de Cronbach (Tabela 2).

Tabela 2. *Análise descritiva, consistência interna e correlações entre as subescalas da FACES IV*

FACES IV	N	M (DP)	α	2	3	4	5	6	7	8	9
1. Coesão	1088	59,97 (22,90)	0,77	.7**	-.61**	.16**	.05	-.42**	.69**	.47**	.66**
2. Flexibilidade	1088	65,90 (18,27)	0,64	1	-.5**	.16**	.14**	-.39**	.65**	.42**	.7**
3. Desmembrada	1088	25,29 (11,87)	0,74		1	-.06	.11**	.55**	-.54**	-.32**	-.26**
4. Emaranhada	1085	38,51 (11,70)	0,47			1	.41**	.1**	.15**	.09**	.47**
5. Rígida	1088	41,09 (14,56)	0,65				1	.03	.04	-.01	.4**
6. Caótica	1086	25,14 (11,82)	0,73					1	-.36**	-.2**	-.05
7. Comunicação	1089	63,38 (22,77)	0,90						1	.55**	.76**
8. Satisfação	1087	20,23 (14,03)	0,94							1	.6**
9. Total	1081	190,56 (16,04)	0,81								1

N = número de participantes; M = média; DP = desvio padrão; α = alfa de Cronbach; ** $p < 0,05$; * $p < 0,01$

Para apresentar uma boa consistência interna, os valores do alfa devem apresentar-se acima de 0,7 para escalas mais longas (Nunnally, 1978 *cit in* Pallant, 2001). A escala

apresentou um alfa total de 0,81, afirmando assim uma boa consistência interna. As subescalas da Satisfação ($\alpha=0,94$), Comunicação ($\alpha=0,9$), Coesão Equilibrada ($\alpha=0,77$), Desmembrada ($\alpha=0,74$) e Caótica ($\alpha=0,7$) apresentaram uma boa consistência interna, com resultados acima de 0,7. No entanto, as subescalas Rígida ($\alpha=0,65$), Flexibilidade Equilibrada ($\alpha=0,64$) e Emaranhada ($\alpha=0,47$) apresentaram valores abaixo do indicado.

Foram também conduzidas correlações entre as subescalas para avaliar a suas relações (Tabela 1). Os coeficientes devem apresentar-se acima de 0,3 (Tabachnick and Fidell, 1996 *cit in* Pallant, 2001) para se constituírem como adequados. As subescalas equilibradas (Coesão e Flexibilidade) apresentaram uma forte correlação entre si ($r=0,7$), comprovando a capacidade de avaliarem as áreas em que a família é mais funcional (Olson, 2011). A subescala da Coesão Equilibrada estava significativa e negativamente correlacionada com a subescala Desmembrada ($r=-0,61$), de acordo com o estudo de validação original. Também a subescala da Flexibilidade Equilibrada se apresentou negativamente correlacionada, de forma significativa, com a subescala Caótica ($r=-0,39$). As correlações utilizando as subescalas Emaranhada e Rígida apresentaram os maiores problemas nesta análise, assim como no estudo de validação original (Olson, 2011).

Quanto à validade concorrente, os resultados estão apresentados na Tabela 3.

Tabela 3. *Análise da validade concorrente*

Escalas	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
1. Coesão	-.69**	-.6**	-.55**	-.24**	-.66**	-.7**	.52**	-.43**	.37**	.3**	.13**
2. Flexibilidade	-.62**	-.56**	-.47**	-.21**	-.58**	-.64**	.53**	-.49**	.35**	.34**	.11**
3. Desmembrada	.63**	.57**	.55**	.23**	.58**	.63**	-.46**	.36**	-.3**	-.3**	-.15**
4. Emaranhada	-.16**	.03	-.27**	-.09**	-.13**	-.12**	.1**	-.11**	.06	.06	.01
5. Rígida	-.05	-.08*	-.08**	-.2**	-.03	-.05	.01	-.05	.02	.04	0
6. Caótica	.48**	.49**	.36**	.42**	.39**	.5**	-.33**	.24**	-.26**	-.19**	-.13**
7. Comunicação	-.71**	-.64**	-.53**	-.24**	-.64**	-.73**	.6**	-.55**	.46**	.4**	.19*
8. Satisfação	-.5**	-.41**	-.36**	-.18**	-.45**	-.51**	.4**	-.43**	.3**	.33**	.13**
9. Total FACES IV	-.61**	-.44**	-.47**	-.2**	-.55**	-.6**	.54**	-.5**	.35**	.32**	.1*
10. SFI – SC	1	.84**	.81**	.38**	.84**	.97**	-.64**	.53**	-.51**	-.38**	-.21**
11. SFI – Conflito		1	.58**	.31**	.7**	.88**	-.55**	.45**	-.52**	-.29**	-.2**
12. SFI – Coesão			1	.23**	.62**	.75**	-.47**	.37**	-.38**	-.28**	-.17**
13. SFI – Liderança				1	.28**	.43**	-.25**	.2**	-.14**	-.11**	-.03
14. SFI – Exp. Emoc.					1	.88**	-.57**	.48**	-.45**	-.35**	-.19**
15. SFI Total						1	-.64**	.54**	-.51**	-.38**	-.2**
16. APGAR Total							1	-.53**	.41**	.4**	.16**
17. RDAS – Cons.								1	-.45**	-.38**	.14**
18. RDAS – Satisf.									1	.44**	.6**
19. RDAS – Coesão										1	.75**
20. RDAS Total											1

* $p < 0,05$; ** $p \leq 0,01$

As subescalas mais aptas a serem utilizadas para uma validade concorrente da FACES IV foram: o total da SFI bem como as subescalas da Saúde/Competência, Coesão, Liderança,

Expressão Emocional; a APGAR; e as subescalas da Satisfação e Coesão da RDAS. Os resultados pertinentes estão apresentados a *bold*. As subescalas da FACES IV que apresentaram os maiores problemas nesta análise foram a Emaranhada e Rígida, à semelhança do artigo de validação original (Olson, 2011). De notar que as pontuações mais altas na SFI II indicam um menor funcionamento para aquela subescala, justificando assim os resultados evidenciados acima.

Foi conduzida uma análise discriminante com o objetivo de distinguir entre famílias funcionais e famílias não funcionais (Apêndice E). Seguindo o estudo de validação original, foram escolhidos dois grupos com base nas pontuações obtidas na escala SFI II, permitindo categorizar as famílias como funcionais se as pontuações fossem abaixo dos 50% e como disfuncionais se as pontuações fossem acima dos 50%. A análise permitiu descobrir diferenças significativas em todas as pontuações médias para cada uma das subescalas da FACES IV ($p < 0,05$) entre a categoria funcional e a categoria não funcional, à exceção da subescala Rígida ($p = 0,14$). A subescala que apresentou a maior capacidade de enquadrar devidamente as famílias numa categoria foi a subescala Desmembrada ($r = -0,41$), seguida da subescala da Flexibilidade ($r = 0,4$), da Caótica ($r = -0,32$) e da Coesão ($r = 0,18$). As subescalas Emaranhada e Rígida apresentaram a menor capacidade de categorização ($r = 0,12$ e $r = 0,05$). No geral a FACES IV apresentou uma capacidade de 97,9% para discriminar as famílias funcionais e uma capacidade de 57,4% de distinguir as famílias disfuncionais.

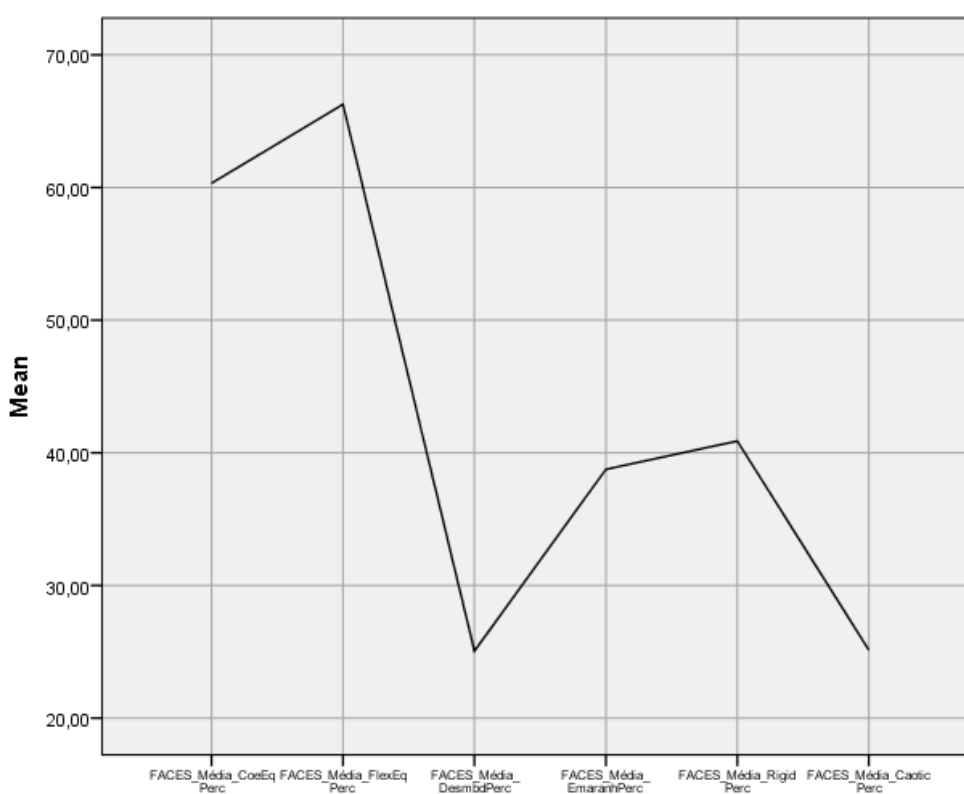
3.2. Perceção do Funcionamento Familiar da Amostra

Quanto às pontuações obtidas pelos participantes na FACES IV (Apêndice F), a maioria apresentou valores altos nas subescalas equilibradas e valores baixos nas subescalas desequilibradas. Quanto à Coesão e Flexibilidade Equilibradas, a maioria dos participantes percecionou a sua família como muito coesa (47,7%) e muito flexível (62,4%). Nas subescalas desequilibradas, a maioria dos participantes obtiveram pontuações muito baixas na subescala Desmembrada (68,1%) e Caótica (66,9%) e baixas nas subescalas Emaranhada (56,6%) e Rígida (43,6%). Quanto às subescalas da Comunicação e Satisfação, a maioria dos participantes obteve pontuações muito altas na primeira (48,3%) e muito baixas na segunda (60,4%).

No que diz respeito aos rácios da Coesão, Flexibilidade e Total (Apêndice G), a maioria dos participantes apresentou um rácio da Coesão equilibrado (94,7%), um rácio da Flexibilidade equilibrado (93,1%) e um rácio Total equilibrado (94,9%).

O perfil total dos participantes foi obtido a partir do preenchimento da folha perfil da FACES IV, representado na Figura 4. Os participantes apresentaram pontuações altas nas subescalas de equilíbrio e pontuações baixas nas subescalas de desequilíbrio, correspondendo ao perfil/*cluster* descrito por Olson e Gorall (2006) das famílias equilibradas.

Figura 4. *Perfil da amostra total*



De acordo com o sexo (Apêndice H) foram encontradas diferenças significativas entre homens e mulheres nas subescalas da Coesão e Desmembrada (Tabela 4).

Tabela 4. *Diferenças entre sexos nas subescalas da FACES IV*

Sexo	Subescalas	N	M (DP)	t	p
Masculino	Coesão	503	57,86 (22,63)	-2,82	0,01
Feminino		585	61,77 (22,99)		
Masculino	Desmembrada	503	26,18 (11,98)	2,31	0,02
Feminino		583	24,52 (11,73)		

N = número de participantes; M = média; DP = desvio padrão; t = t-student; p = sig

As mulheres percecionavam a família como mais coesa do que os homens. Os homens tinham a percepção de uma família mais desmembrada do que as mulheres.

De acordo com o local de residência das famílias (Apêndice I), verificaram-se diferenças significativas entre os moradores na cidade e os residentes em vilas ou aldeias (Tabela 5).

Tabela 5. *Diferenças entre o local de residência nas subescalas da FACES IV*

Residência	Subescalas	N	M (DP)	<i>t</i>	<i>p</i>
Cidade	Satisfação	491	21,14 (14,82)	-1,95	0,05
Vila/Aldeia		596	19,48 (13,31)		

N = número de participantes; M = média; DP = desvio padrão; *t* = *t-student*; *p* = sig

Os habitantes da cidade mostraram-se mais satisfeitos com o funcionamento da sua família do que os moradores em vilas ou aldeias.

Quando analisadas as diferenças entre os sujeitos com habilitações literárias superiores ao 12º ano ou inferiores (Apêndice J), existem diferenças entre os dois grupos nas subescalas da Coesão, Flexibilidade, Desmembrada, Rígida, Caótica, Comunicação e Satisfação (Tabela 6).

Tabela 6. *Diferenças entre as habilitações literárias nas subescalas da FACES IV*

Habilitações Literárias	Subescalas	N	M (DP)	<i>t</i>	<i>p</i>
Ensino superior	Coesão	281	66,80 (22,38)	5,90	0,00
≤ 12º ano		804	57,56 (22,66)		
Ensino superior	Flexibilidade	281	69,91 (18,08)	4,33	0,00
≤ 12º ano		804	64,47 (18,16)		
Ensino superior	Desmembrada	281	22,93 (10,61)	-3,90	0,00
≤ 12º ano		804	26,12 (12,19)		
Ensino superior	Rígida	281	38,44 (13,38)	-3,73	0,00
≤ 12º ano		804	42,00 (14,86)		
Ensino superior	Caótica	280	23,95 (10,98)	-2,08	0,05
≤ 12º ano		803	25,58 (12,09)		
Ensino superior	Comunicação	281	67,21 (22,10)	3,30	0,00
≤ 12º ano		805	62,01 (22,90)		
Ensino superior	Satisfação	281	22,53 (15,59)	2,95	0,00
≤ 12º ano		803	19,45 (13,38)		

N = número de participantes; M = média; DP = desvio padrão; *t* = *t-student*; *p* = sig

Os participantes com o ensino superior percecionavam a família como mais coesa e flexível do que os participantes com habilitações iguais ou inferiores ao 12º ano. Também os participantes com o ensino superior obtiveram pontuações mais altas nas subescalas da

Comunicação e Satisfação. Este percecionavam a família como menos desmembrada, rígida e caótica do que os participantes com habilitações iguais ou inferiores ao 12º ano.

Por fim, foram analisadas as diferenças entre os participantes com um rendimento inferior a 750€ e superior (Apêndice L), tendo sido descobertas diferenças significativas nas subescalas da Coesão, Flexibilidade e Satisfação (Tabela 7).

Tabela 7. *Diferenças entre o rendimento nas subescalas da FACES IV*

Rendimento	Subescalas	N	M (DP)	t	p
< 750€	Coesão	98	55,46 (22,55)	2,27	0,02
750€ - 10000€		652	61,12 (23,12)		
< 750€	Flexibilidade	98	62,04 (16,19)	2,32	0,02
750€ - 10000€		652	66,76 (19,11)		
< 750€	Satisfação	99	16,75 (10,65)	3,65	0,00
750€ - 10000€		652	21,19 (14,73)		

N = número de participantes; M = média; DP = desvio padrão; t = t-student; p = sig

Os sujeitos com um rendimento superior a 750€ percecionavam a família como mais coesa e flexível do que aqueles com um rendimento inferior a 750€. Também os participantes com um rendimento superior estavam mais satisfeitos com a sua família do que aqueles com um rendimento inferior a 750€.

Entre pais e filhos foram observadas diferenças significativas nas subescalas da Coesão, Flexibilidade, Desmembrada, Emaranhada e Comunicação (Apêndice M), representadas na Tabela 8.

Os pais obtiveram pontuações mais altas nas subescalas da Coesão do que os filhos, bem como na subescala da Flexibilidade, Emaranhada e Comunicação. Para a subescala Desmembrada, os filhos obtiveram pontuações médias mais altas do que os pais.

3.3. Estudo do Ciclo Vital

Foram analisadas as diferenças das pontuações médias nas subescalas da FACES IV para cada uma das etapas do ciclo vital (Apêndice N). Foram encontradas diferenças nas subescalas da Flexibilidade, Desmembrada, Rígida e Comunicação, descritas na Tabela 9.

As famílias com filhos adolescentes apresentaram-se como mais flexíveis do que as famílias com filhos adultos. As famílias com filhos na escola percecionavam-se como menos desmembradas do que as famílias com filhos adolescentes e famílias com filhos adultos.

Tabela 8. *Diferenças entre pais e filhos nas subescalas FACES IV.*

Parentesco	Subescalas	N	M (DP)	t	p
Pais	Coesão	590	61,33 (22,25)	2,68	0,01
Filhos		392	57,37 (23,36)		
Pais	Flexibilidade	590	67,40 (17,93)	3,66	0,00
Filhos		392	63,04 (18,87)		
Pais	Desmembrada	590	24,28 (10,90)	-3,23	0,00
Filhos		392	26,89 (13,31)		
Pais	Emaranhada	589	39,62 (12,04)	4,29	0,00
Filhos		390	36,46 (10,73)		
Pais	Comunicação	590	64,83 (22,10)	2,88	0,00
Filhos		392	60,53 (23,53)		

N = número de participantes; M = média; DP = desvio padrão; t = t-student; p = sig

Tabela 9. *Diferenças entre as etapas do ciclo vital nas subescalas da FACES IV*

Subescala	ECV (I)	ECV (J)	F (M(I) – M(J))	p
Flexibilidade	Família com filhos adolescentes	Família com filhos adultos	4,29	0,05
Desmembrada	Família com filhos na escola	Família com filhos adolescentes	-4,43	0,04
		Família com filhos adultos	-5,64	0,00
Rígida	Família com filhos pequenos	Família com filhos adolescentes	-6,53	0,04
Comunicação	Família com filhos na escola	Família com filhos adultos	7,24	0,05

ECV=etapa ciclo vital; F= teste de Tukey; M = média; p= sig

. Na subescala Rígida, as famílias com filhos adolescentes obtiveram pontuações mais altas do que as famílias com filhos pequenos. As famílias com filhos na escola mostraram-se mais satisfeitas com a comunicação na sua família do que as famílias com filhos adultos.

Quanto aos rácios da Coesão, Flexibilidade e Total, foram descobertas diferenças entre os sujeitos no rácio da Coesão (Apêndice O), descritas na Tabela 10.

Tabela 10. *Diferenças entre as etapas do ciclo vital nos rácios da FACES IV*

Rácio	ECV (I)	ECV (J)	F (M(I)-M(J))	p
Coesão	Família com filhos na escola	Família com filhos adolescentes	0,14*	0,04
		Família com filhos adultos	0,12*	0,04

ECV=etapa do ciclo vital; F= teste de Tukey; M = média; p= sig

Os participantes na etapa de família com filhos na escola percecionavam-se como mais coesos do que os participantes nas etapas de família com filhos adolescentes e família com filhos na escola.

Foi conduzida uma análise com a escala SFI II (Apêndice P), de modo a avaliar as diferenças na percepção dos sujeitos em cada uma das etapas do ciclo vital (Tabela 11).

Tabela 11. *Diferenças entre as etapas do ciclo vital nas subescalas da SFI II*

Subescalas	ECV (I)	ECV (J)	F (M(I)-M(J))	p
Saúde/Competência	Formação do casal	Família com filhos na escola	5,63	0,03
	Família com filhos na escola	Família com filhos adultos	-6,31	0,00
Conflito	Família com filhos na escola	Família com filhos adultos	-2,80	0,01
Coesão	Família com filhos pequenos	Família com filhos adultos	-1,77	0,00
	Família com filhos na escola	Formação do casal	-1,91	0,00
		Família com filhos adolescentes	-1,67	0,00
		Família com filhos adultos	-2,61	0,00
	Família com filhos adolescentes	Família com filhos adultos	-0,94	0,01
Liderança	Formação do casal	Família com filhos na escola	1,39	0,00
		Família com filhos adolescentes	1,32	0,00
		Família com filhos adultos	1,08	0,00
Expressividade	Família com filhos adultos	Família com filhos na escola	1,72	0,00
		Família com filhos adolescentes	0,98	0,02
Total SFI	Formação do casal	Família com filhos na escola	8,98	0,04
	Família com filhos na escola	Família com filhos adultos	-9,24	0,00

ECV=etapa ciclo vital; F= teste de *Tukey*; M = média; p= sig

Na SFI II, pontuações mais altas são indicativas de famílias menos funcionais. No geral as famílias com filhos na escola apresentam melhor funcionamento familiar em todas as dimensões, em comparação com as famílias que se encontram nas restantes etapa do ciclo vital da família. No sentido oposto as famílias que se encontram na etapa do ciclo vital família com filhos adultos percebem o funcionamento da sua família como mais negativo na maioria das dimensões estudadas. As famílias com filhos na escola apresentaram-se pontuações mais baixas (mais saudáveis) nas subescalas da Saúde/Competência, Conflito, Coesão, Liderança e Expressividade Emocional. As famílias com filhos adultos apresentaram pontuações mais altas (menos saudáveis) nessas mesmas subescalas. Também existiram diferença entre as pontuações das famílias com filhos na escola e famílias com filhos adolescentes, apresentando-se as primeiras como mais saudáveis nas subescalas da Coesão. Entre as famílias com filhos adolescentes e famílias com filhos adultos as primeiras percebiam-se como saudáveis nas subescalas da Coesão e Expressividade Emocional.

Por fim, foi feita uma análise das pontuações obtidas na FACES IV pelos sujeitos pertencentes à tipologia familiar Nuclear intacta, a forma de família mais comum em Portugal (Census, 2011), em cada uma das etapas do ciclo vital. Para as famílias nucleares intactas

foram descobertas diferenças nas subescalas da Coesão, Flexibilidade, Desmembrada e Comunicação, descritas na Tabela 12.

Tabela 12. *Diferenças nas famílias nucleares intactas entre as etapas do ciclo vital*

Subescala	ECV (I)	ECV (J)	F (M(I)-M(J))	p
Coesão	Família com filhos na escola	Família com filhos adultos	7,72	0,03
	Família com filhos adolescentes	Família com filhos adultos	9,04	0,00
Desmembrada	Família com filhos na escola	Família com filhos adultos	-5,77	0,00
	Família com filhos na escola	Família com filhos adultos	8,84	0,01
Comunicação	Família com filhos adolescentes	Família com filhos adultos	7,58	0,01

ECV=etapa ciclo vital; F= teste de *Tukey*; M = média; p= sig

As famílias com filhos na escola percecionavam-se como mais coesas, menos desmembradas e possuidoras de uma melhor comunicação do que as famílias com filhos adultos. As famílias com filhos adolescentes afirmavam estar mais satisfeitas com a comunicação na família do que as famílias com filhos adultos. Também as famílias com filhos adolescentes se percecionavam como mais flexíveis do que as famílias com filhos adultos.

4. Discussão dos Resultados

O propósito desta dissertação seria, em primeiro lugar, analisar as qualidades psicométricas da tradução portuguesa da FACES IV, numa população não-clínica de 1089 sujeitos. Para tal, foram reproduzidas as análises descritas pelo artigo original de validação de Olson (2011).

A consistência interna mostrou ser aceitável ou boa para todas as subescalas à exceção das subescalas Emaranhada e Rígida. No estudo de validação original (Olson, 2011), estas duas subescalas também apresentaram os alfas de Cronbach mais baixos (Emaranhada = 0,77; Rígida = 0,82). Noutros estudos de validação, estas subescalas apresentaram também uma consistência interna baixa ou muito baixa, como é exemplo o estudo de validação espanhol (Emaranhada = 0,74; Rígida = 0,70) (Rivero, Martinez-Pampliega & Olson, 2010), o estudo de validação húngaro (Emaranhada= 0,71; Rígida = 0,70) (Mirnics, Vargha, Toth & Bagdy, 2010), o estudo de validação do Uruguai (Emaranhada= 0,61; Rígida = 0,67) (Ball *et*

al., 2009), o estudo de validação italiano (Emaranhada = 0,67; Rígida = 0,68) (Baiocco, Cacioppo, Laghi & Tafà, 2013) e o estudo de validação grego (Emaranha = 0,59; Rígida = 0,64) (Koutra, Triliva, Roumeliotaki, Lionis & Vgontzas, 2012). As intercorrelações entre subescalas foram, em geral, consistentes com o estudo original de Olson (2011). As subescalas equilibradas da Coesão e Flexibilidade estavam fortemente correlacionadas entre si ($r=0,7$) e por isso aptas a avaliar as áreas em que a família é mais funcional. Como era esperado, a partir do estudo de validação original e da teoria do Modelo Circumplexo, a subescala Desmembrada apresentava uma correlação negativa alta com a subescala da Coesão Equilibrada ($r=-0,61$) e a subescala Caótica apresentava uma correlação negativa com a subescala da Flexibilidade Equilibrada ($r=0,39$). Apenas as subescalas Emaranhada e Rígida apresentavam problemas, assim como no estudo de validação original (Olson, 2011). A partir destas descobertas, podemos ponderar se existirão alguns conflitos de origem cultural entre a FACES IV original americana e as versões europeias. Quanto à subescala Emaranhada, os participantes portugueses parecem ter percebido as questões como positivas, ou pelo menos não indicativas de um mau funcionamento extremo da família. Questões como “Passamos muito tempo juntos”, “Na nossa família somos muito dependentes uns dos outros” “Sentimo-nos muito ligados uns aos outros” parecem assumir uma certa ambiguidade na sua interpretação, tendo sido entendidas como características de funcionamento ajustado, e até positivo, ao contrário do que é pressuposto na FACES IV. Hofstede (2001), criador do Hofstede Center a partir do seu modelo explicativo das diferenças culturais, compreendeu a existência de diferenças significativas entre os valores fundamentais subjacentes a cada cultura, sendo uma delas o coletivismo *versus* o individualismo. As sociedades coletivistas estão mais orientadas para os coletivos coesos e fortes, de que é exemplo a família, enquanto que as sociedades mais individualistas estão mais centradas, como o nome indica, no indivíduo. Portugal apresenta-se, segundo o Hofstede Center, como uma cultura coletivista (com um índice de individualismo de 27), marcada por relações duradouras e fortes dos indivíduos com as suas famílias, em que a lealdade ao coletivo é essencial e fomentada pela sociedade. Os Estados Unidos da América apresentam-se como uma cultura mais individualista (com um índice de individualismo de 91), focada, principalmente, nos interesses e objetivos do individual. De acordo com os últimos Censos (2011), Portugal continua a apresentar os números mais baixos da Europa de sujeitos a viver sozinhos e afastados da família (8,2%). Existe também um número considerável de casais a viverem com as famílias de origem e de idosos a partilharem residência com os filhos (15,8%), ainda que menor do que os anos anteriores. Com estas

análises podemos considerar que as questões formuladas pelos autores norte-americanos da FACES IV, no que toca à avaliação de um modelo de coesão extrema da família (emaranhada), não se adaptam completamente à cultura portuguesa, justificando a consistência interna muito baixa desta subescala. Também na subescala Rígida, a tendência individualista da sociedade norte-americana parece considerar as questões como “Na nossa família ficamos frustrados quando há uma alteração nos planos e rotinas estabelecidas” e “É importante seguir as regras na nossa família” como indicativas de uma inflexibilidade extrema, sendo que em Portugal parece existir uma menor perceção de um extremo negativo subjacente a essas questões.

Quanto à validade concorrente, as subescalas da FACES IV foram contempladas a partir de uma correlação com outros instrumentos conceptualmente semelhantes, sendo eles a SFI II, a APGAR e a RDAS. A escala da APGAR apresentou uma boa capacidade de se correlacionar com a FACES IV, mostrando correlações significativas e consistentes com a literatura em todas as subescalas à exceção da Emaranhada e Rígida. Entre a FACES IV e a RDAS, esta última apresentou duas subescalas (Satisfação e Coesão) com correlações significativas e consistentes com o esperado. Apenas não se mostraram úteis se correlacionadas com as subescalas Emaranhada, Rígida e Caótica da FACES IV. A SFI II apresentou uma utilidade significativa na análise concorrente, por ter várias subescalas coincidentes com as da FACES IV. As subescalas da Saúde/Competência, Coesão, Expressividade Emocional, bem como a pontuação total, apresentaram correlações significativas e lógicas com as subescalas da FACES IV, excluindo as subescalas Emaranhada e Rígida. A subescala da Liderança da SFI II apresentou ainda uma boa correlação com a subescala Caótica da FACES IV.

Por último, foi testada a capacidade da FACES IV em discriminar entre famílias saudáveis e famílias não saudáveis. À semelhança do estudo de validação original (Olson, 2011), foi utilizada a SFI II para distinguir as famílias entre os dois grupos. As subescalas da FACES IV apresentaram uma boa capacidade preditiva, à exceção das subescalas Emaranhada e Rígida. No total a FACES IV apresentou uma capacidade de 97,9% para discriminar as famílias funcionais e uma capacidade de 57,4% de distinguir as famílias disfuncionais. A menor capacidade de distinguir as famílias disfuncionais está naturalmente também limitada pelas dificuldades observadas nas subescalas disfuncionais (Emaranhada e Rígida).

As análises descritas acima mostram que a FACES IV pode ter uma aplicação na cultura portuguesa se forem mais detalhadamente trabalhados alguns dos itens que a

compõem. Foi possível descobrir que uma tradução literal da escala não é suficiente, sendo necessária uma mais completa adaptação dos itens à cultura portuguesa, nomeadamente das subescalas Emaranhada e Rígida. É importante referir, também, que o presente estudo incluía uma amostra não clínica, existindo apenas 5,1% de participantes com um rácio desequilibrado. Seria pertinente, no futuro, conduzir o mesmo estudo a uma população clínica para posterior comparação de dados. Estudos com populações clínicas são imprescindíveis para avaliar a eficácia e ajustamento das escalas disfuncionais, uma vez que nestas famílias a coesão e flexibilidade podem estar perturbadas. Este facto é gerador de dificuldades e sintomas familiares, o que facilita a avaliação sobre as dimensões mais problemáticas da escala. Algumas das questões colocadas nas escalas disfuncionais podem até ser de difícil compreensão em famílias equilibradas/funcionais, eventualmente por não terem sido vivenciadas, o que também poderá ajudar a explicar os resultados obtidos. Seria interessante, após adaptação das subescalas Emaranha e Rígida da FACES IV, administrar a escala a famílias tipicamente disfuncionais, como famílias com doenças psicossomáticas, famílias com P.I. delinquente, famílias com P.I. toxicodependente, famílias com presença de violência e famílias multiassistidas.

A segunda parte desta dissertação consistia em estudar o funcionamento das famílias em cada etapa do ciclo vital utilizando a tradução da FACES IV e a SFI II. Foram confirmadas algumas hipóteses suportadas pela literatura.

Os participantes que se encontram na etapa do ciclo vital de família com filhos na escola apresentaram-se como mais coesos do que as famílias com filhos adolescentes e do que as famílias com filhos adultos, à semelhança dos estudos de Machado (2008) e Agostinho (2009). Estes primeiros apresentaram um rácio de coesão mais alto na FACES IV, bem como pontuações indicativas de uma maior coesão na subescala da Coesão da SFI II. Estes participantes também se percecionavam como menos desmembrados do que as famílias com filhos adolescentes e as famílias com filhos adultos. As famílias nucleares intactas na etapa de família com filhos na escola apresentaram pontuações mais altas na subescala da Coesão do que as famílias com filhos adultos. Também estas se percecionavam como menos desmembradas do que as famílias com filhos adultos. Segundo o modelo Circumplexo de Olson (2003), é de esperar que a coesão na família varie ao longo do ciclo vital. Este modelo equaciona mudanças de coesão ao longo das fases de transição familiares, de forma a que a família se adapte melhor às crises vividas. Alarcão (2000) descreve a etapa de famílias com filhos adolescentes como pautada por um alargamento dos espaços individuais, justificando, possivelmente, a perda de um pouco dessa coesão que se observava na etapa anterior.

Também na etapa de família com filhos adultos se pode verificar uma perda de coesão familiar face às saídas dos filhos do agregado e à menor necessidade de cuidado e preocupação por parte dos pais (Relvas, 1996).

A qualidade da comunicação na família parece modificar-se ao longo do ciclo vital, comprovando a revisão de literatura de Portugal e Alberto (2010). As famílias com filhos na escola obtiveram pontuações mais altas na subescala da Comunicação da FACES IV do que as famílias com filhos adultos. Nas famílias nucleares intactas, o mesmo foi observado. Ainda acerca desta tipologia familiar, os participantes na etapa de família com filhos adolescentes obtiveram pontuações mais altas na subescala da Comunicação do que os participantes na etapa de família com filhos adultos. Atendendo à subescala da Expressividade Emocional da SFI, as famílias com filhos na escola mostraram-se mais satisfeitas com a comunicação do que as famílias com filhos adultos. Também as famílias com filhos adolescentes percecionavam uma melhor comunicação da família do que as famílias com filhos adultos. Na etapa do ciclo vital de família com filhos adolescentes, começa-se a observar um acréscimo de confrontos entre pais e filhos (Wagner, Falcke, Silveira & Mosmann, 2002). Este fenómeno explica-se a partir de um maior questionamento dos filhos em relação às regras, valores e crenças familiares o que gera um aumento normativo da intensidade do conflito na família (Blos, 1996; Osório, 1992; Aberastury & Knobel, 1990 *cit in* Wagner, Falcke, Silveira & Mosmann, 2002). É nesta fase que estes começam também a filtrar algumas informações que dirigem aos pais (Hartos & Power, 2000 *cit in* Wagner, Carpenedo, Melo & Silveira, 2005). Na etapa de família com filhos adultos, a família é marcada pela saída dos filhos do agregado (Relvas, 1996). É possível que a insatisfação com a comunicação familiar nesta etapa advenha dessa nova ausência, podendo também corresponder a uma estratégia, transitória, de gestão da distância e de facilitação da autonomia dos filhos.

Os participantes que se encontravam na etapa de formação do casal apresentaram menor capacidade de liderança do que as famílias com filhos adolescentes e as famílias com filhos adultos, resultado que parece ir ao encontro do que está estudado sobre o funcionamento do casal, pontuado por relações pautadas por grande simetria, uma vez que se encontram em posições hierárquicas semelhantes. Estes primeiros obtiveram pontuações mais altas, indicativas de menor liderança, na subescala da Liderança da SFI II. É só após o nascimento do primeiro filho que o subsistema parental coloca em prática a sua capacidade de liderança, de impor limites e exercer autoridade (Carter & McGoldrick, 1988), sendo compreensível que os participantes na etapa de formação do casal percecionassem a sua

família como tendo uma menor existência de liderança. De notar também que nas etapas de família com filhos adolescentes e família com filhos adultos temos, pela primeira vez, a percepção dos filhos, já que apenas os maiores de 12 anos podem preencher o protocolo. Assim, é natural que a percepção de liderança seja diferente de acordo com quem está sujeito a ela, os filhos.

5. Conclusão

Com o presente estudo verificou-se uma necessidade de trabalhar posteriormente algumas questões relacionadas com a FACES IV. Para a sua completa adequação à população portuguesa, alguns dos itens devem ser reformulados, já que uma simples tradução para português não é suficiente para comprovar uma completa utilidade da escala. Esta deve ainda ser submetida a estudos com outros tipos de população, nomeadamente uma população clínica, para que seja confirmada a sua utilidade em avaliar as dimensões mais problemáticas da família.

Existem diferenças no funcionamento da família ao longo do ciclo vital, principalmente entre as etapas de famílias com filhos na escola e famílias com filhos adultos. As primeiras assumem-se como mais coesas, competentes, saudáveis e satisfeitas com a forma como comunicam.

Como implicações clínicas deste trabalho aponta-se a necessidade de, na abordagem terapêutica com famílias, atender às características normativas da etapa do ciclo vital em que se encontram, uma vez que diferentes etapas exigem processos de flexibilidade e coesão distintas, sendo claro que, à medida que a vida familiar se vai desenvolvendo os desafios familiares e individuais aumentam. É então normativo e expectável que assim seja. Estar consciente destes desafios pode ser importante na normalização das dificuldades com que as famílias se deparam e na amplificação da resiliência e competências da família.

Bibliografia

Alarcão, M. (2000). *(Des)equilíbrios Familiares* (3ª ed.). Coimbra: Quarteto editora.

Agostinho, A. (2009). *Filhos na Escola e Filhos Adultos: a Relação entre Funcionamento Familiar, Parentalidade e Resiliência*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Lisboa, Portugal.

Ball, D., Tornarí, M., Masjuan, N., Trápaga, A., Arca, D., Scafarelli, L. & Feibuscheurez, A. (2009). Family Functioning Assessment Device – FACES IV – Process of Adaptation for Montevideo, Uruguay. *Ciências Psicológicas*, 3(1), 43-56.

Baiocco, R., Cacioppo, M., Laghi, F. & Tafà, M. (2013). Factorial and Construct Validity of FACES IV among Italian Adolescents. *Journal of Child and Family Studies*, 22, 962-970.

Portugal, A. & Alberto, I. (2010). O Papel da Comunicação no Exercício da Parentalidade: Desafios e Especificidades. *Psychologica*, 52(2), 387-400.

Beaton, D. E., Bombardier, C., Guillemin, F. & Ferraz, M. B. (2000). Guidelines for the Process of Cross-Cultural Adaptation of Self-Report Measures. *SPINE*, 25(24), 3186-3191.

Beavers, W. R. & Hampson, R. B. (1990). *Successful Families: Assessment and Intervention*.

New York: Norton.

Beavers, W. R., Hampson, R. & Hulgus, Y. (1990). Self-Report Family Inventory [pdf]. Recuperado de <http://www.unc.edu/depts/sph/longscan/pages/measures/Ages5to11/Self-Report%20Family%20Inventory.pdf>.

Busby, D. M., Christensen, C., Crane, D. R., & Larson, J. H. (1995). A Revision of the Dyadic Adjustment Scale for Use with Distressed and Nondistressed Couples:

Construct Hierarchy and Multidimensional scales. *Journal of Marital and Family Therapy*, 21(3), 289-308.

Carter, B. & McGoldrick, M. (1988). *The Changing Family Life Cycle: A Framework for Family Therapy* (2º ed.) New York: Gardner Press.

Census (2011). Famílias nos Censos: Diversidade e Mudança [pdf]. Recuperado de https://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=207999200&att_display=n&att_download=y.

Crane, D. R., Middleton, K. C., & Bean, R. A. (2000). Establishing criterion scores for the Kansas Marital Satisfaction Scale and the Revised Dyadic Adjustment Scale. *American Journal of Family Therapy*, 28(1), 53-60.

Grotesvant, H. & Carlson, C. (1989). *Family Assessment: a Guide to Methods and Measures*. New York: Guilford Press.

Hofstede, G. (2001). *Culture Consequences* (2º ed.) California: Sage Publications.

Hooper, D., Coughlan, J., Mullen, M. (2008). Structural Equation Modelling: Guidelines for Determining Model Fit. *Electronic Journal of Business Research Methods*, 6(1), 53-60.

Kouneski, E. (2000). The Family Circumplex Model, FACES II and FACES III: Overview of Research and Applications [pdf]. Recuperado de http://buildingrelationships.com/pdf/faces_and_circumplex.pdf.

Koutra, K., Triliva, S., Roumeliotaki, T., Lionis, C. & Vygontzas, N. (2012). Cross-Cultural Adaptation and Validation of the Greek Version of the FACES IV. *Journal of Family Issues*. doi:10.1177/0192513X12462818.

Machado, M. (2008). *Aliança Parental, Coesão e Adaptabilidade Familiar ao Longo do Ciclo Vital da Família*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Lisboa, Portugal.

Mirnic, Z., Vargha, A., Tóth, M. & Bagdy, E. (2010). Cross-Cultural Applicability of FACES IV. *Journal of Family Psychotherapy*, 21, 17-33. doi: 10.1080/08975351003618577.

Olson, D. H. (2011). FACES IV and the Circumplex Model: Validation Study. *Journal of Marital & Family Therapy*, 3(1), 64-80.

Olson, D. (2010). FACES IV: Scoring and Storing Data [pdf]. Recuperado de <http://buildingrelationships.com/pdf/scoring.pdf>.

Olson, D. (2010) Data Analysis Using FACES IV Scores [pdf]. Recuperado de http://www.facesiv.com/pdf/data_analysis.pdf.

Olson, D. H., Bell, R. & Portner, J. (1992). FACES II. In Olson, D. H., *Family Inventories Manual* (1-20). Minneapolis: Life Innovations.

Olson, D. H. & Gorall, D. M. (2003). Circumplex Model of Marital and Family Systems. In F. Walsh (Ed.) *Normal Family Processes* (3ª ed.) (514-547). New York: Guilford.

Olson, D. H. & Gorall, D. M. (2006). Circumplex Model of Marital & Family Systems [pdf]. Recuperado de http://www.buildingrelationships.com/facesiv_studies/circumplex_article.pdf.

Pallant, J. (2001). *SPSS Survival Manual*. Crows Nest: Allen & Unwin.

Relvas, A. (1996). *O Ciclo Vital da Família: Perspectiva Sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.

Rivero, N., Martínez-Pampliega, A. & Olson, D. (2010). Spanish Adaptation of the FACES IV Questionnaire: Psychometric Characteristics. *The Family Journal: Counselling and Therapy for Couples and Families*, 18(3), 288-296.

Smilkstein, G. (1978). Family APGAR [pdf]. Recuperado de <http://www.unc.edu/depts/sph/longscan/pages/measure/Baseline/Family%20APGAR.pdf>.

Smith, P.B. & Bond, M.H. (1993). *Social Psychology Across Cultures: Analysis and perspectives*. Boston: Allyn and Bacon.

Videira, J. I. P. C. (2013). *Queixas Somáticas e Funcionamento Familiar*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga. Coimbra, Portugal.

Wagner, A., Carpenedo, C., Melo, L. & Silveira, P. (2005). Estratégias de Comunicação Familiar: A Perspectiva dos Filhos Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), 277-282.

Wagner, A. Falcke, D., Silveira, L. & Mosmann, C. (2002). A Comunicação em Famílias com Filhos Adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 7(1), 75-80.